

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO  
HUMANA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

FERNANDO FRANCO LOPES

FORMAÇÃO DO PSICANALISTA EM LACAN:  
estar à altura da função sujeito

PORTO ALEGRE

2023

FERNANDO FRANCO LOPES

FORMAÇÃO DO PSICANALISTA EM LACAN:

estar à altura da função sujeito

Dissertação apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como  
requisito parcial para obtenção do título de mestre em  
Psicanálise.

Linha de pesquisa: Psicanálise, teoria e  
dispositivos clínicos

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Kessler

PORTO ALEGRE

2023

**ATA DE SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Aos vinte e seis dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às 9:15, na sala 301 do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana (IPSSCH/UFRGS), reuniu-se a Banca Examinadora para a sessão de defesa da dissertação intitulada "A formação do psicanalista em Lacan: estar à altura da função sujeito", de autoria do(a) mestrando(a) FERNANDO FRANCO LOPES, sob a orientação do(a) professor(a) Dr. Carlos Henrique Kessler. A Banca Examinadora foi composta pelo(a)s examinadore(a)s Dr. Ronaldo Silva Torres, Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba (PPGSA/UERJ) e Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord (PPGCLIC/UFRGS). Após a apresentação do(a) mestrando(a), a Banca procedeu à arguição. A dissertação foi aprovada pela Banca Examinadora. O parecer conclusivo foi lido pelo(a) orientador(a). Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 11:30, sendo a presente Ata lavrada e assinada pelo(a) orientador(a). Porto Alegre, 26 de junho de 2023.

Prof. Dr. Carlos Henrique Kessler - Presidente da Banca: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba (/UERJ): (Participação por videoconferência)

Dr. Ronaldo Silva Torres: (Participação por videoconferência)

Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord (UFRGS): \_\_\_\_\_

**PARECER CONCLUSIVO SOBRE DISSERTAÇÃO:**

APROVADA

APROVADA COM CORREÇÕES

NÃO APROVADA

Trabalho que dá conta do objetivo para uma dissertação de Mestrado especializada pela linha sócio-clínica e minucioso ante Freud e Lacan para a temática do free caso. Deixa indicadas também as sequências para futuras pesquisas.

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais e irmão, por me darem um lugar na história de nossa família.

Aos amigos que me acompanham desde o ensino médio, por se fazerem presentes mesmo à distância.

Aos amigos de apartamento, que assim como as montanhas em MG, fizeram-me sentir em casa.

Aos amigos de militância, pelo prazer de lutar ao lado de vocês.

Aos amigos de Porto Alegre, pelos encontros inesperados.

Aos amigos da APG UFRGS, pela acolhida, e por me mostrarem que nossos pesquisadores, mesmo que desvalorizados, são incríveis.

Ao meu orientador, pela confiança e dedicação.

Aos professores do PPGCLIC, pela transmissão do fracasso.

À Capes pela bolsa.

## RESUMO

Dentro do t3pico maior sobre a forma3o em psican3lise, nossa pesquisa buscou compreender a perspectiva apontada por Jacques Lacan de que o objetivo de seu ensino seria produzir analistas 3 altura da fun3o chamada sujeito. Certos de que havia 3 uma concep3o interessante, e ainda pouco explorada, sobre a forma3o do analista, decidimos elev3-la ao estatuto de “um projeto lacaniano de forma3o de psicanalistas” que, apesar de n3o defendermos ser o 3nico, levaria consigo seus efeitos se bem compreendido. A partir da3, dividimos nosso trabalho em duas grandes partes: a) na primeira procuramos apresentar o que viria a ser essa fun3o sujeito, para isso decidimos nos guiar temporalmente pelo que o autor apresentava, naquele momento, a saber, entre 1966 e 1968, de articula3es sobre o sujeito. Tal perspectiva nos levou a adentrar o campo da l3gica matem3tica, em especial na teoria de Gottlob Frege, em busca de uma formaliza3o l3gica daquela fun3o; b) na segunda parte, nos dedicamos a esbo3ar o que seria, portanto, estar 3 altura da fun3o que hav3amos delineado. Como suporte te3rico, os semin3rios 14 e 15, principalmente no que diziam respeito ao uso feito por Lacan da estrutura matem3tica chamada Grupo de Klein, nos permitiram chegar ao que seria uma interpreta3o sem3ntica consistente de tal projeto, articulando o fim da an3lise, concebido como a redu3o do sujeito suposto saber ao objeto *a*, ao passe, entendido como o retomar tal lugar de sujeito suposto saber, advertido de sua ferida no ser. Por fim, conclu3mos com breves apontamentos sobre a expectativa que encontramos no autor franc3s de que seu ensino, a partir da posi3o que ele (Lacan) pr3prio ali ocupava, fosse capaz de produzir essa opera3o, permitindo, 3queles que o ouviam, uma nova rela3o com o saber.

**Palavras-chave:** Psican3lise; Forma3o; Lacan; Frege; L3gica.

## ABSTRACT

In the larger topic about formation in psychoanalysis, our research intended to understand the perspective pointed out by Jacques Lacan that the goal of his teaching would be to produce analysts at the height of the function called subject. Certain that there was an interesting and still barely explored conception about the formation of the analyst, we decided to elevate it to the status of "a Lacanian project of formation of psychoanalysts" that, although we do not claim to be the only one, would carry with it its effects if properly understood. From then on, we divided our work into two large parts: a) in the first part, we tried to present what would become this subject function, for which we decided to be temporally guided by what the author presented at that moment, between 1966 and 1968, of articulations about the subject. Such perspective led us to enter the field of mathematical logic, especially in Gottlob Frege's theory, in search of a logical formalization of that function; b) in the second part, we dedicated ourselves to sketch what it would be, therefore, to be at the height of the function that we had defined. As a theoretical support, seminars 14 and 15, especially with regard to Lacan's use of the mathematical structure called Klein's Group, allowed us to arrive at what would be a consistent semantic interpretation of such project, articulating the end of the analysis, conceived as the reduction of the subject supposed to know to the object a, to the pass, understood as the retaking of this position of subject supposed to know, warned of its wound in being. Finally, we conclude with some brief notes on the expectation we found in the french author that his teaching, from the position that he (Lacan) himself occupied there, was able to produce this operation, allowing those who listened to him, a new relation with knowledge.

**Keywords:** Psychoanalysis; Formation; Lacan; Frege; Logic.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1. Introdução, ou sobre alguns cortes .....                                  | 6  |
| 1.1 Metodologia .....  | 12 |
| 1.1.1 Lógica do significante .....   | 12 |
| 2. Função sujeito .....  | 14 |
| 2.1 O sujeito no “Meu ensino” .....  | 15 |
| 2.1.1 Adendo, ou “porquê o sujeito?” .....                                   | 24 |
| 2.2 Imisção de Outridade .....   | 26 |
| 2.3 Função em Frege .....  | 36 |
| 2.4 Lacan com Frege: entre função e sujeito .....                            | 44 |
| 3. Analista à altura.....  | 53 |
| 3.1 Seminário 14 .....   | 53 |
| 3.1.1 O grupo de Klein e o fantasma .....                                    | 53 |
| 3.2 O ato psicanalítico .....  | 65 |
| 3.2.1 O grupo de Klein e o percurso de uma análise .....                     | 65 |
| 4. Estar à altura, “um projeto lacaniano de formação de psicanalistas” ..... | 71 |
| 5. Considerações finais.....   | 77 |
| 6. Referências .....   | 79 |

## **1. Introdução, ou sobre alguns cortes**

Escrever um texto acadêmico, seja ele um artigo, trabalho de conclusão, dissertação ou tese, implica em decisões arbitrárias que atravessam não só a escolha do tema, como permeiam toda a extensão do escrito. Desde a maneira pela qual começar um capítulo até a ordem espaço-temporal em que os assuntos serão abordados, as opções são colocadas ao investigador e exigem dele uma postura, sem contar as referências que serão eleitas para o diálogo. Até aqui nenhum problema, não alimentamos a pretensa ilusão de que um pesquisador possa se desvencilhar das determinações que lhes são impostas. Contudo, quando as motivações para tais escolhas não se apresentam de maneira explícita, corre-se o risco de produzir um trabalho que seja desonesto com o leitor, na medida em que se omite deste último a posição assumida pelo autor perante determinada temática.

Assim, é com o intuito de esclarecer o lugar de onde partimos nesta pesquisa, que pretendemos, nesta introdução, percorrer o caminho desde o anteprojeto, submetido para a entrada no mestrado, até a atual pergunta que nos anima. Nossa aposta nesta digressão, se sustenta na esperança de que nosso interlocutor possa acompanhar as mudanças realizadas nesse percurso, bem como o fio condutor deste trabalho e as justificativas para os cortes e recortes realizados.

O fracasso (1980/2003) de Jacques Lacan (1901-1981) era o tema ao redor do qual girava o pré-projeto. Mais especificamente, buscava-se compreender o que estava implicado na declaração do francês quando da dissolução de sua Escola. O motivo para o resgate de tal diagnóstico, era uma certa esperança de colocar em jogo uma discussão política acerca da transmissão da psicanálise lacaniana, na medida em que a hipótese sustentada era de que se tratava de um duplo fracasso, seguindo Eidelsztein (2009), ou um duplo esquecimento acompanhando Goldenberg (2017).

Para o primeiro, existe tanto um fracasso a nível do conteúdo, ou seja, uma não compreensão por parte de seus alunos sobre o que estava em jogo em seu ensino, quanto uma operação de repressão, realizada pelos seus discípulos, em torno de seus ditos (Eidelsztein, 2009). Já segundo Goldenberg, haveria um duplo esquecimento, não só os discípulos diretos e os alunos destes ignoraram o atestado de fracasso, como, a partir da terceira geração, “o esquecimento daquele fracasso foi ele próprio esquecido” (GOLDENBERG, 2017, p. 32).

Como qualquer esboço, mais do que respostas, o anteprojeto produziu novas e incontáveis perguntas. Destacaremos aquelas que guiaram o caminho no delineamento de

nossa atual questão. A primeira, e talvez a mais intuitiva, foi: “o que é que fracassa?”. Ao leitor apressado, pedimos paciência pois, apesar de parecer uma pergunta um tanto óbvia, nos era necessário fazê-la. Partindo da citação a qual nos ancorávamos, é possível dizer, como se esperava, que é o ensino que fracassa. Nas palavras do autor, “é por isso que dissolvo. E não me queixo dos referidos ‘membros da Escola Freudiana’ – antes, agradeço-lhes por ter sido por eles ensinado, donde eu, eu fracassei, ou seja, me enrolei” (LACAN, 1980/2003, p. 318). Lacan fora ensinado por seus “discípulos”, não seria de todo mal questionarmos o que é que lhe ensinaram se esse fosse nosso tema, mas o que nos interessava aqui era o fato de que fracassara em ensiná-los.

Dito isso, o que significa afirmar que um ensino fracassa? No entendimento comum, e acreditamos que estariam todos de acordo, seria o mesmo que dizer que “não se aprendeu nada”, ou simplesmente que “não se aprendeu”. Contudo, também é possível, na esteira de Goldenberg (2019), sustentar tanto um fracasso da transmissão, e esse sentido se aproximaria da resposta acima, um fracasso em transmitir a psicanálise para as futuras gerações, quanto a transmissão de um fracasso, ou seja, se transmitiria, na psicanálise, algo do próprio fracasso, da própria impossibilidade de sua transmissão.

Atendo-nos, então, ao fracasso da transmissão, e levando em consideração que, em se tratando de psicanálise, “este ensino, que a todos abre sua teoria, tem por desafio prático a formação do psicanalista” (LACAN, 1966/1998, p. 365), o seu fracasso, portanto, implicaria também no fracasso em formar analistas. Assim, fomos levados, diante da pergunta sobre o que é que fracassa, a ampliar nossa temática para a formação, e as coisas começaram a ganhar um novo rumo.

Falar sobre a formação do psicanalista, nos transporta para uma discussão extremamente ampla, se considerarmos desde as pontuações freudianas sobre o tripé e a prática da análise por leigos (1926[1925]/1976), até as questões atuais sobre as iniciativas de regulamentar a profissão, bem como as propostas de cursos de bacharelado em psicanálise. O que demandaria percorrer um longo caminho, impossível de ser feito no período do mestrado. Além do mais, nos deparamos com temas perpendiculares como o estilo e as instituições psicanalíticas que, apesar de estarem em íntima relação com a formação, poderiam fazer-nos mudar nosso percurso caso fossem aprofundados em demasia. Isso não quer dizer que negligenciaremos esses temas, eles certamente aparecerão no decorrer da pesquisa, apenas salientamos que não serão nosso foco.

A saída encontrada foi nos circunscrevermos à uma consideração bem específica de Lacan sobre o assunto, e é ao redor dela que pretendemos construir toda a presente pesquisa. Não por acaso, o que nos levou a destacar essa pontuação em particular, foi justamente sua articulação tanto com o fracasso, quanto com a pretensão de formação do ensino. Optamos por chamá-la de “um projeto lacaniano de formação de psicanalistas”. A presença do “um” não é aleatória, não estamos afirmando aqui que esse seja o único modo de pensar a formação nessa teoria, contudo, nos parece uma proposta condizente com os postulados do francês. Além disso, estamos advertidos que não se trata de um plano explícito, no estilo “siga esses passos e será psicanalista”, mas que leva consigo a marca própria do ensino lacaniano, ou seja, fragmentário e por vezes contraditório.

Para localizar esse “projeto”, voltamos às considerações sobre o fracasso. No seminário de 15/01/1980, o autor pontua, “não espero nada das pessoas, apenas alguma coisa do funcionamento. Portanto é preciso que eu inove, pois falhei nesta Escola, fracassando ao não produzir seus Analistas (A.E.) *à altura*” (LACAN, 1980, p. 47, grifo nosso). O que nos chama atenção nessa passagem, não é apenas o atestado de fracasso, mas o fato desse fracasso ser o de não produzir analista à altura. Só nos restaria, então, perguntar: à altura de quê?

É na conferência “Lugar, origem e fim do meu ensino<sup>1</sup>”, proferida no Centro Hospitalar Vinatier, na cidade de Lyon, em outubro de 1967, que encontramos uma resposta à nossa pergunta. Dada a diferença das datas, cerca de 13 anos, nos assusta o quanto essas duas passagens poderiam muito bem terem saído de um mesmo diálogo, haja vista a coerência que produzem quando colocadas juntas. Trata-se do seguinte trecho,

O fim do meu ensino. Se empreguei a palavra “fim”, não é que vamos fazer um drama aqui. Não se trata do dia em que isso fará vupt, não, fim é thelos [sic], para que é feito. O fim de meu ensino, pois bem, seria fazer psicanalistas *à altura* dessa função que se chama “sujeito”, porque se verifica que só a partir desse ponto de vista se enxerga bem aquilo de que se trata na psicanálise (1967-68a/2006, p. 53, grifo nosso).

Por conseguinte, assumiremos nessa pesquisa que “um projeto lacaniano de formação de psicanalistas” é produzir analistas à altura da função sujeito, e a partir disso decantaremos as perguntas que serão temas dos capítulos seguintes. Antes, porém, cabe aqui uma breve recapitulação do percurso até agora percorrido. Do intuito inicial de nos debruçarmos sobre o fracasso de Lacan em ensinar a psicanálise, chegamos ao tema geral no qual este trabalho se

---

<sup>1</sup> Pode ser encontrada no livro intitulado “Meu ensino” de Jacques Lacan.

inscreve, a formação do analista. Diante da complexidade do assunto, decidimos nos circunscrever à teoria lacaniana, e mais especificamente, à proposta de “produzir analistas à altura da função sujeito” como um projeto, fracassado, de formação, o qual passa a ser a nossa bússola.

Essa, nos permitiu estabelecer dois traçados para uma melhor apreensão e delineamento deste trabalho. Ambos foram derivados das perguntas que decidimos depurar dessa passagem. A primeira delas diz respeito ao que Lacan chama, neste determinado momento, de função sujeito. Porque utilizar o termo “função”? Com isso, está posta a problemática do nosso primeiro capítulo. O leitor atento perceberá que ao utilizarmos “neste determinado momento” já nos adiantamos ao impasse da extensão que o assunto “sujeito”, na teoria lacaniana, nos coloca. Assim, abordaremos o mesmo com um recorte temporal, tendo como base o ano de 1967, em que a conferência foi proferida.

A proposta desse capítulo é traçar a relação entre os termos “função” e “sujeito” e quais as consequências daí obtidas, para a psicanálise, que nos permitam apreender o que estaria em jogo neste projeto lacaniano de formação de psicanalistas. Para tanto, o diálogo estabelecido entre Lacan e Frege (1848-1925) nos será útil, uma vez que o psicanalista encontra no lógico a possibilidade de uma escrita formalizada para a psicanálise, ainda que estejamos cientes de seus limites<sup>2</sup>. Talvez o leitor pense se tratar de um preciosismo estéril, que não haveria grandes implicações em dizer “função sujeito”, contudo, pretendemos mostrar que por meio das articulações fregeanas é possível estabelecer uma leitura que nos permita avançar na discussão sobre a formação.

Adiante, tendo em vista as considerações sobre a função sujeito, o próximo passo será nos debruçarmos sobre o que seria um analista à altura da mesma. Mais uma vez, mantendo-nos no mesmo recorte temporal, o percurso traçado por Lacan nos seminários 14 (1966-67) e 15 (1967-68) nos servirá de base. Trata-se aqui do caminho que nos leva da alienação, enquanto operação lógica inicial na constituição do sujeito, ao que se esperaria do trajeto a ser percorrido por uma análise através do ato dito analítico. Em outras palavras, o percurso traçado pelo “grupo de Klein lacaniano<sup>3</sup>”. Esse recurso é utilizado pelo francês desde a primeira metade do seminário 14, partindo principalmente das discussões sobre o cogito

---

<sup>2</sup> A decisão de tomar o diálogo entre Frege e Lacan para abordar a relação entre “sujeito” e “função” será melhor explicitada no respectivo capítulo.

<sup>3</sup> A escolha por essa denominação se dá, na medida que Lacan faz modificações significativas no grupo de Klein reconhecido pela matemática. Abordaremos melhor esse assunto no capítulo em questão.

cartesiano e a operação de alienação, e segue com ele por quase todo o seminário 15 pensando a trajetória de uma análise. Logo, é sob esse ponto que pretendemos fazer a ligação entre a função sujeito e o que seria um analista à altura.

Isso se justifica, na medida que nossa hipótese, ainda a ser testada, é que a via traçada pelo grupo de Klein lacaniano possa nos dar uma resposta, no sentido de que um analista à altura seria justamente o produto obtido pelo atravessamento desse caminho. Assim, dedicaremos, o segundo e terceiro capítulos, a uma tentativa de formalizar o que seria “estar à altura”, e como isso poderia ser articulado ao objetivo de formação do ensino de Lacan. Tencionamos uma aproximação entre a “função sujeito”, o “grupo de Klein lacaniano” e o ato psicanalítico ao que o autor esperaria que seu ensino fosse capaz de produzir, em suas próprias palavras, “uma mudança de posição radical no nível do que constitui, digamos, o sujeito naqueles que o seguem [meu ensino]” (LACAN, 1966-67a, lição 10, p. 9, tradução nossa).

Acham-se dispostas, portanto, as direções que pretendemos seguir na presente pesquisa. Deixando de lado a pretensão de investigar o fracasso, apesar de esse ainda guiar, mesmo que implicitamente, nossa perspectiva, partiremos do uso que o psicanalista faz da formalização lógica, para destacar e fundamentar, na teoria lacaniana, “um projeto lacaniano de formação de psicanalistas” que diga respeito à produção de analistas à altura da função sujeito, e suas implicações.

Estamos cientes das possíveis objeções que podem ser levantadas quanto aos recortes feitos. Sustentamos, porém, que a qualidade de uma pesquisa se situa justamente em seus cortes, nas decisões por quais caminhos seguir e quais não percorrer, desde que fiquem claras as motivações que nos levam a tais escolhas. Salientamos também, que não temos a pretensão de esgotar o tema da formação em psicanálise, nem mesmo fazer um extenso resumo das amplas discussões desse campo, apenas nos deparamos com um ponto, bem específico diríamos, que nos parece interessante de ser investigado.

Ou seja, nos esquivamos da complexa discussão sobre a formação do psicanalista, ao tomarmos, como ponto de partida, o “produzir analistas à altura da função sujeito” enquanto um projeto de formação de psicanalistas da teoria lacaniana. Cabe agora demonstrá-lo. Quanto a isso, uma outra objeção que poderia ser-nos feita, é a de que toda nossa pesquisa se ampara em praticamente uma única frase. Diríamos que, o pontapé inicial do nosso trabalho tem sim a referida frase como base, contudo, todo o desenvolvimento que se dará a partir

desse ponto, na abertura provocada pelas duas questões daí depuradas, tem como objetivo sustentar que não se trata apenas de uma sentença sem maiores implicações, mas sim de um ponto que carrega consigo a possibilidade de suscitar novas perspectivas e questionamentos sobre a formação do psicanalista.

Por fim, em respeito ao nosso leitor, escreverei agora em primeira pessoa para justificar as motivações pessoais que me levam a pesquisar sobre esse tema. Formado em psicologia, em uma faculdade pequena e do interior, o pouco contato que tive com a psicanálise me fez questionar desde cedo a transmissão de seu ensino. Tema ao qual dediquei meu trabalho de conclusão de curso, em uma interlocução com o campo pedagógico, principalmente através da perspectiva freudiana. A falta de uma explicação clara, por parte dos professores, sobre como se tornar um psicanalista, e os questionamentos quanto a (in)suficiência do tripé freudiano, me fizeram encontrar em Lacan um certo rigor teórico que talvez pudesse sanar algumas dúvidas. Ledo engano, me deparei com frases que não me levaram muito adiante, como a famosa “o psicanalista só se autoriza de si mesmo” (1967/2003, p. 248). Contudo, entrevi a oportunidade de me dedicar a uma pesquisa que se sustentasse nesse rigor e que possibilitasse a construção de uma possível resposta para minhas questões.

Porque então me debruçar justamente sobre um projeto fracassado? Já que o próprio francês é muito claro em seu diagnóstico. Sustento aqui a mesma pergunta que se faz Ricardo Goldenberg em seu livro “Desler Lacan”: não seria o fracasso de Lacan “parte da lógica do seu ensinamento levada até as últimas consequências?” (2019, p. 55), ainda mais se considerarmos a dimensão da transmissão do fracasso. Ou então, não seria a declaração de fracasso um atestado de seu sucesso?, na medida em que não seria possível não fracassar. São questões que invocariam respostas pessoais com suas diferenças inerentes ao percurso de cada qual que se deparasse com elas, o que por sua vez não faria avançar para além dos impasses já existentes.

O que apresento aqui como expediente, nada mais é do que seguir o mesmo movimento que Lacan propõe com a palavra de ordem do “retorno a Freud”, no sentido mesmo em que ele diz ser o melhor método crítico “aquele que aplica à compreensão de uma mensagem os princípios mesmos de compreensão de que ela se faz veículo” (1954/1998, p. 383). Se Lacan retorna à Freud para resgatar o efeito de sua fala, não o faz imitando-o, mas

sim recorrendo aos princípios que a regem (1953/1998), logo, são aos princípios que regem esse projeto fracassado que essa pesquisa se dirigirá, na intenção de reanimar seus efeitos.

## 1.1 Metodologia

### 1.1.1 Lógica do significante

Se valer da teoria de Lacan como ferramenta para estudá-la, parece ser justamente o que o francês esperava que os analistas fizessem, segundo ele, “haverá, com efeito, melhor método crítico do que aquele que aplica à compreensão de uma mensagem os princípios mesmos de compreensão de que ela se faz veículo?” (LACAN, 1954/1998, p. 181). Para alcançar tal objetivo, faz-se necessário seguir algumas pistas deixadas pelo autor ao longo do que ele chamou de seu ensino. Já na abertura do seminário 1, destaca:

Temos de nos aperceber de que não é com a faca que dissecamos, mas com conceitos. Os conceitos têm sua ordem de realidade original. Não surgem da experiência humana - senão seriam bem feitos. As primeiras denominações surgem das próprias palavras, são instrumentos para delinear as coisas. Toda ciência permanece, pois, muito tempo nas trevas, entravada na linguagem (LACAN, 1953-54/1979, p. 10).

Importante estar advertido que numa pesquisa psicanalítica maneja-se conceitos próprios a um determinado campo, e o modo como se faz isso é também por meio dos mesmos, ou seja, utiliza-se conceitos para manusear conceitos. Não se deve esquecer que estes possuem sua materialidade própria, algo que se pode pensar no sentido do que o autor denominou de *motérialisme*<sup>4</sup>, em sua “Conferência em Genebra sobre o sintoma (1975)”, para enfatizar a concretude do significante. Logo, se é com significantes que se maneja na clínica lacaniana, é com os mesmos que se opera na pesquisa.

Nesse sentido, uma ressalva se faz necessária, o processo de conceitualização em psicanálise lida diretamente com a falta, com a não completude da apreensão conceitual, como bem destaca Darriba (2003), “o ‘inacabamento’ do conceito psicanalítico é a contrapartida da realidade como algo que se furta, no sentido em que é deste modo que tal dimensão da realidade se revela por meio do conceito” (p. 178).

Diante disso, a ideia deste trabalho é utilizar da própria lógica do significante enquanto método de pesquisa. Para tal, seguiremos Silva (2019) quando aponta que a questão

---

<sup>4</sup> Segundo tradução de Ricardo E. R. Ponte trata-se de um neologismo resultante da condensação da palavra *mot* que em francês designa o vocábulo “palavra”, com a termo *matérialisme* que se refere ao que conhecemos como “materialismo”.

metodológica “fará referência às condições de possibilidade de uma subversão do expediente lógico utilizado por Lacan para formalizar algo da experiência psicanalítica” (p. 27), e também Godoi (2020) “o ponto principal é fazer perceber o quanto, especificamente, a lógica do significante é capaz de assumir a potência de um método que opera transformações no texto (ou fala), quando passa por uma tentativa de ‘corte’, ‘tradução’ ou ‘apropriação’” (p. 211).

Apesar de também fazermos uma considerável incursão sobre a lógica matemática de Frege, não sustentamos qualquer presunção de apresentarmos aqui um sistema lógico consistente, com isso queremos dizer que as fórmulas aqui apresentadas não necessariamente permitam a alguém fazer inferências, ou tirarem delas outras fórmulas, etc. Nos interessa em Frege muito mais sua perspectiva filosófica, ou o que poderíamos também chamar de perspectiva qualitativa sobre a matemática, como ele próprio salienta “minhas considerações tornaram-se por isso, é certo, bem mais filosóficas do que pode parecer apropriado a muitos matemáticos; mas uma investigação radical do conceito de número deverá sempre resultar um tanto filosófica. Essa tarefa é comum à matemática e à filosofia” (FREGE, 1884/1983, p. 199).

No que tange a nossa aposta de formalização, e aqui nos referimos tanto à função sujeito como também o estar à altura de tal função, somos devedores da proposta de França Neto (2015), na medida que ao propor um certo universal, que ele se garanta por lhe fazer, ele mesmo, exceção.

De um universal garantido pela predicação, e portanto apreensível enquanto conjunto fechado, teríamos agora que nos haver com uma universalidade que se apresenta como ponto de inconsistência, uma localização infinita, que se garantirá como universal enquanto conseguir se apresentar e ao mesmo tempo manter-se em exclusão a qualquer determinação que a classifique como parte de um Todo unificado, viabilizando que sua existência não fique confinada à predicação de um mundo particular. Mesmo se apresentando como elemento de um mundo, ao resistir ao encarceramento das classificações ele se preservaria como universal, podendo vir a se apresentar como elemento de mundos (cavernas) diferentes, preservando-se assim como uma via de acesso contingente à universalidade (p. 207).

Nessa perspectiva somos guiados principalmente por estarmos advertidos do objeto *a* nesse processo (Lacan, 1967-68), ponto que, nomeando uma inconsistência, é capaz de garantir a consistência desse universal (Rona, 2021). Tal é o elemento que permite com que se trate aqui não do universal no sentido de um conjunto fechado, mas sim de um universal que

tem que se haver com algo que lhe é paradoxal, essa introdução de uma falta, um + (-1), que lhe faz exceção.

Em termos práticos, isso nos conduz não a uma explicação exaustiva de nosso tema, com a pretensão de findá-lo, estamos cientes que o saber nesse sentido não alcança seu fim, mas buscamos introduzir algo a partir desse ponto de real, que sustenta uma verdade, pois como nos alerta França Neto (2015), “se não há saber da verdade, podemos, no entanto, falar na existência da verdade de um saber desde que um real nele funcione” (p. 204). Operação que exige a figura do Outro, caberá ao leitor colher os efeitos, só assim poderemos, *a posteriori*, avaliar se o que apresentamos foi capaz de tal feito.

## 5. Considerações finais

A operação lacaniana do objeto *a* e o  $\$$  talvez seja uma das articulações mais caras à sua teoria, e uma das mais bem construídas. Dentro da estrutura do grupo de Klein, como foi o caso aqui analisado, é interessantíssimo perceber como o sujeito dividido do fim da análise, é introduzido, por meio de uma operação interna, ao próprio início, e é isso que permite com que se chegue a ele novamente no fim. E mais do que isso, como a articulação com o objeto *a*, por meio de suas sutis mudanças de posição, é o que vai redirecionando tal movimento.

Chega a ser muito complicado estabelecer qualquer tipo de linearidade, seja ela temporal, textual ou mesmo estrutural, para conceber o processo desenvolvido pelo autor francês. Por isso entendemos que a presente pesquisa, longe de findar o assunto, deixa suas brechas e pontas soltas para que outros venham a seguir as trilhas aqui abertas.

Por fim, gostaríamos, nessas considerações finais, de retomar aquilo que não só nos serviu de ponto de partida, mas que atravessou, de modo latente, toda a pesquisa, a saber, a temática do fracasso. Não podemos nos esquecer que, como pontuamos logo no início, Lacan fracassou em ensinar seus alunos. Estávamos advertidos disso desde o início, e mesmo assim sustentamos a realização de uma pesquisa que se dedicou a analisar um projeto fracassado. Mas, por quê?

Primeiro, porque como acabamos de ver, a psicanálise trata-se justamente de partir de novo de um certo ponto, como se nada houvesse sido feito. Desse modo, retomar a ideia de um projeto que, segundo seu próprio idealizador, fracassou, não é inútil, pelo contrário, pode ser considerado uma forma de colher dali novos efeitos, com o que eles implicariam de verdade.

Segundo que, o fato de ter fracassado, não necessariamente anulava suas potencialidades, nem invalidaria as boas articulações existentes no processo. Como diz o ditado, não precisamos jogar o bebê fora junto com a água do banho. Terceiro, porque partimos da perspectiva que o projeto, uma vez posto e articulado em palavras por Lacan, não mais o pertence, o que nos permite “fazer o que quisermos” com ele, ou melhor, nos possibilita ser instrumento para que uma outra articulação significativa possa surgir dali.

Porém, a justificativa na qual realmente nos ancoramos, é que podemos tomar o fracasso por outra via. Via aberta pelo próprio francês,

Nem todo fracasso é - como foi ensinado e continua a ser acreditado, principalmente no nível mais desenfreado do pensamento analítico - nem todo fracasso é necessariamente um sinal negativo. O fracasso pode ser exatamente o sinal de fratura onde a relação mais próxima com a realidade é marcada (LACAN, 1965-66/ [inédito], p. 17, tradução nossa)

O fracasso, portanto, é o ponto que nos permite estarmos mais próximos do real, em seu sentido lacaniano. Mais uma vez, podemos encontrar aí uma alusão ao objeto *a*, objeto que marca uma posição especial na articulação entre saber-real-verdade. *Bedeutung* (referência) que sobra ao final de todo discurso, elemento que escapa ao saber, mas que ao mesmo tempo, por poder ser tomado no nível do real, suporta algo da verdade, e possibilita justamente uma nova articulação com o saber.

Fazemos coro com Adami, Kessler & Dunker (2021), entendemos o “fracasso na medida em que comporta uma ruptura que não se encerra em si, mas que rompe com o instituído e relança o desejo a partir de seus efeitos em direção ao novo. Esse novo pressupõe uma indissociável mudança na estrutura do saber” (p. 564). Trata-se aqui, do que Goldenberg (2019) anuncia como transmissão do fracasso. Há algo do fracasso que não apenas pode, mas que deve ser transmitido, pois “o que se transmite, em última instância, é um estilo. E um estilo há de ser o modo particular de fracassar de cada um” (p. 77).

Entendemos que sustentar a complexidade de seu ensino, sem se deixar reduzir a sínteses objetivas e claras, passando de uma formalização à outra, sem que isso implicasse em abandonar tudo que fora percorrido até ali, mas pelo contrário, buscando sua superação, no sentido de avançar sempre mais em sua complexidade, foi o modo que encontrou para suportar ali esse algo do objeto *a*. Não por acaso fez questão de ressaltar que,

O que compete a meu nome são *as partes caducas de meu ensino* que eu pensava que ficariam reservadas a uma propedêutica, posto que elas nada mais são do que o

que me recaiu de uma *incumbência preliminar: ou seja, tirar a crosta de ignorância com que não é desfavorável que sempre tenha procedido o recrutamento para a psicanálise, mas que adquiriu valor dramático por predominar em suas instalações primárias* - na medicina e na psicologia, nominalmente (LACAN, 1967/2003, p. 344, grifos nosso).

Neste sentido, não haveria outra escolha para Lacan senão fracassar. Mas isso não quer dizer que seus ouvintes, discípulos, alunos, chamem como quiserem, souberam colher os efeitos de verdade radicados no real desse fracasso.

## 6. Referências

- Adami, F. S., Kessler, C. H., & Dunker, C. I. L. (2021, dezembro). Ato analítico e a potência clínica do indeterminado. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 24(4), 543-569. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n4p543.4>.
- Alcoforado, P. (2009). Introdução. In: Frege, G. *Lógica e Filosofia da Linguagem/Gottlob Frege; seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Arrivé, M. (2000). Lacan gramático. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. v. 3, n. 2, pp. 9-40. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982000000200001>.
- Barbut, M. (1966). Acerca del sentido del término estructura en matemática. *Les Temps Modernes* (246), 81-101. (Traducción y notas de Juan Bauzá a partir de Cahiers de lectures freudiennes, 10). Recuperado de: <http://ebookbrowse.com/barbut-pdf-d116120630>
- Baudovino, L. (2013). Sobre la formalización del sujeto como ‘sujeto dividido entre saber y verdad’. Texto presentado en la sociedad Apertura de Buenos Aires em siete reuniones ao largo del 2013.
- Bonoris, B. (2019). *El nacimiento del sujeto del inconsciente*. 2.ed. Buenos Aires: Letra Viva.
- Campos e Silva, L. (2017). *O estatuto do Outro no pensamento de Jacques Lacan*. Dissertação (Mestrado) –Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/25245>.
- Cardoso, M. J. d’Escragnolle. (2010). Lacan e Frege: sobre o conceito de Um. *Psicologia USP*, 21(1), 127–144. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000100007>
- Collett, G. (2014). The subject of logic: The object (Lacan with Kant and Frege). In: Chiesa, L. (ed) (2014). *Lacan and philosophy: the new generation*. Melbourne: re.press.
- Danziato, L.; Chagas Rabêlo, F. (2018). Ato psicanalítico e a formação do analista. *Revista Affectio Societatis*, 15(28), páginas 228-248. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>
- Darriba, V. (2003). O conceito psicanalítico e a problematização da realidade fora de nós. *Psychê*, Vol. VII, núm. 11, pp.165-181. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30701112>

De Morgan, A. (1847). *Formal Logic: or, The calculus of inference, necessary and probable*. London: Taylor and Walton, Bookfellers and Publishers to University College.

D'agord, M. (2006). A negação lógica e a lógica do sujeito. *Ágora* (Rio de Janeiro), v. 9, n. 2 jul/dez 2006, pp. 241-258. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000200006>.

Eidelsztein, A. (2008). El fracaso de Lacan 1ª Parte. Conferencia dictada en Apertura, Sociedad Psicoanalítica de Buenos Aires, el 16 de octubre de 2008. *El rey está desnudo*, Año 1, nº 2, p. 97-113, 2009. Disponível em: <[http://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2015/09/REY2\\_10-fracaso.pdf](http://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2015/09/REY2_10-fracaso.pdf)>.

Eidelsztein, A. (2022). *Diagnosticar el sujeto* (2003). Disponível em: <https://www.eidelszteinalfredo.com.ar/diagnosticar-al-sujeto/>

Eidelsztein, A. (2006). *La topología en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Letra Viva.

Eidelsztein, A. (2015). La “responsabilidade subjetiva” en psicoanálisis. *El rey está desnudo*, Revista digital, año 8, Número 8, set. 2015. Disponível em: <https://elreyestadesnudo.com.ar/portfolio/el-rey-estadesnudo-n-8/>

Eidelsztein, A. (2020). *A origem do sujeito em psicanálise*. São Paulo: Toro Editora.

Elia, L. (2010). *O conceito de sujeito*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Fink, B. (1998). *O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

França Neto, O. (2015). Uma metodologia para a psicanálise. *Psicologia Clínica*, v. 27, n. 1, p. 195–211, jan. 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0103-56652015000100011>

Frege, G. (1983). Os fundamentos da aritmética (1884). In: PEIRCE, C. S.; FREGE, G. (1983) *Peirce Frege: escritos coligidos*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, p. 196-276. Seleção e Tradução de Luís Henrique dos Santos.

Frege, G. (2009). Função e Conceito (1891). In: Frege, G. (2009). *Lógica e Filosofia da Linguagem/Gottlob Frege; seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Frege, G. (2009). Sobre o conceito e o objeto (1892a). In: Frege, G. (2009). *Lógica e Filosofia da Linguagem/Gottlob Frege; seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Frege, G. (2009). Sobre o sentido e a referência (1892b). In: Frege, G. (2009). *Lógica e Filosofia da Linguagem/Gottlob Frege; seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Frege, G. (2009). Digressões sobre o sentido e a referência (1882-1895). In: Frege, G. (2009). *Lógica e Filosofia da Linguagem/Gottlob Frege; seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Frege, G. (2009). Função e Conceito (1904). In: Frege, G. (2009). *Lógica e Filosofia da Linguagem/Gottlob Frege; seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Foucault, M. (1981). Lacan, o “libertador” da psicanálise. [Entrevista concedida a] J. Nobécourt. Publicado originalmente em: *Corriere della sera*, vol. 106, nº 212, 11 de setembro

de 1981, p.1. Disponível em <http://clinicand.com/lacan-o-libertador-da-psicanalise-entrevista-com-michel-foucault/>

Freud, S. (1976). *A questão da análise leiga* (1926 [1925]). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XX. Rio de Janeiro: Imago.

Godoi, B. (2020). A lógica do significante como um método de pesquisa em psicanálise. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*. V. 11. n. 3. p. 196-217.

Goldenberg, R. (2019). *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage, 2 ed.

Goldenberg, R. (2017) *O fracasso de Lacan (em ensinar a psicanálise)*: primeira aula. Curso ministrado pelo autor. São Paulo. Disponível em: <https://ricardogoldenberg.files.wordpress.com/2017/03/o-fracasso-versacc83o-minicurso.pdf>.

Gomes, R. R. (2009). A noção de função em Frege. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, Área de Ensino e Aprendizagem da Matemática e seus Fundamentos Filosófico- Científicos, Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP).

Ianini, G. (2009). Não há formalização sem restos: Frege com Lacan. *Revista Estudos Lacanianos*, v. 2, n. 3, pp. 99-110. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v2n3/v2n3a09.pdf>.

Krymkiewicz, M. (2016). El uno de Frege. *El rey está desnudo*, año 10, n. 11, pp. 80-98. Disponível em: <https://elreyestadesnudo.com.ar/portfolio/el-rey-estadesnudo-n-11/>

Lacan, J. (1979). *Seminário 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1998). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud (1954). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1999). *Seminário 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1998). A significação do falo *Die Bedeutung des Phallus* (1958). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2003). *Seminário 9 - A identificação (1961-1962)*. Publicação não comercial do Centro de Estudos Freudianos de Recife. Recife.

Lacan, J. (2003). *Seminário 12 - Problemas cruciais para a Psicanálise (1964-1965)*. Publicação não comercial do Centro de Estudos Freudianos de Recife. Recife.

Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Lacan, J. *El seminario 13: El objeto del psicoanálisis* (1965-66). [Inédito].
- Lacan, J. (1998). De um desígnio (1966). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2002). *Acerca de la estructura como mixtura de una otredad, condición sine qua non de absolutamente cualquier sujeto* (1966). Traducción directa del inglés de Leonel Sánchez Trapani, tomada de <http://www.acheronta.org/acheron15.htm>
- Lacan, J. *El seminario 14: la lógica del fantasma* (1966-1967a). Versão crítica de Ricardo E. Rodriguez Ponte. [Inédito].
- Lacan, J. *El seminario 14: la lógica del fantasma* (1966-1967b). Versão da Asociación de Psicoanálisis de Bogotá, ANALÍTICA.
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. *Place, origine et fin de mon enseignement*. 1967. Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1967-00-00.pdf>
- Lacan, J. (2006). *Meu ensino* (1967-68a). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2006). *Mi enseñanza* (1967-68b). Buenos Aires: Paidós.
- Lacan, J. *Seminário 15: o ato psicanalítico* (1967-68c). [Inédito].
- Lacan, J. *El seminario XV: el acto psicoanalítico* (1967-68d). Ed: Kriptos. [Inédito].
- Lacan, J. (1985). *Seminário livro 20: Mais ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. *Conferencia en Ginebra sobre el sintoma* (1975). Tradução de Ricardo Rodríguez Ponte. Disponível em: <https://www.lacanterafreudiana.com.ar/lacanterafreudianaqueslacanconferenciasescritosespaniol.html>.
- Lacan, J. (1977). “Lettres de l'École Freudienne”, n. 21, Respuestas de Jacques Lacan sobre los nudos y el inconsciente en las Jornadas de la Escuela Freudiana: Los matemas el psicoanálisis (31 de octubre al 2 de noviembre de 1976 ), Paris, Ed:Pomme.
- Lacan, J. (2003). Carta de dissolução (1980). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (20-?). O outro falta (15 de janeiro de 1980). In: LACAN, Jacques. *Seminário livro 27: Dissolução*. Versão bilíngue produzida por Lacan em .pdf. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Cfe8bGxJi4EsxVNkT-99jVpbyXvJddea/view?usp=sharing>.
- Le Gaufey, G. (2010). *El sujeto según Lacan*. Buenos Aires: El cuenco de plata.
- Miller, J-A. (1967). A sutura: Elementos da lógica do significante. In: Coelho, E. P (org). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Lisboa: Portugália Editora Ltda, 1967.
- Milne, J. S. (2021). *Group Theory* (v4.00). Disponível em [www.jmilne.org/math/](http://www.jmilne.org/math/)
- Mozas, C. B. (s. d.). *Lectura psicoanalítica de autores lógicos/Nominación y verdade em Frege*. Disponível em: <https://carlosbermejo.net/lectura-psicoanalitica-de-autores-logicos/>
- Nancy, J. (2014). *¿Un sujeto?*. Adrogué: Ediciones La Cebra.

Ogilvie, B. (2000). *Lacan, La formación del concepto de sujeto (1932-1949)*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, originalmente publicado em 1987.

Ponte, R. R. (1997). *Puntuación de Escritos*. Clase Nro 3 – Miércoles 4 de junio de 1997. Escuela Freudiana de Buenos Aires.

Rona, P. M. (2021). *O significante, o conjunto e o número: a topologia na psicanálise de Jacques Lacan*. 2.ed. São Paulo: Zagodoni.

Silva, M. L. (2019).. *A conjectura lógica de Jacques Lacan: a lógica como ciência do real*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/31074>

Torres, R. (2009). Lacan e o grupo de Klein: tempos do sujeito na experiência analítica. *Revista De Psicanálise Stylus*, (18), pp. 89–113. <https://doi.org/10.31683/stylus.vi18.878>

Torres, R. S. (2013). Do ato psicanalítico ao discurso do analista: a estrutura do campo lacaniano. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Área de Concentração: Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Torres, R. S. (2021). *Dimensões do ato em psicanálise*. São Paulo: Fantasma Editora.